

Nick Manwaring

Professora Hodgson

PTGSE 4560 Brazil Civ & Cul

4/8/2022

Os Efeitos da Escravidão no Brasil e a sua Abolição

Todo homem e mulher tem um valor inquestionável. Claro que todos nascem em situações diferentes, com pais ricos ou sem pais, em liberdade ou em cativeiro, mas todas as almas têm a mesma origem. Toda pessoa tem direito à liberdade, educação e igualdade. É por isso que a escravidão é uma abominação. É por isso que ela foi abolida pouco tempo atrás, mas mesmo assim vemos os efeitos perpetuais dela até hoje em quase todo lugar. Não há um lugar mais cicatrizado pela escravidão que o Brasil que foi emancipado em 1888 (Green e Skidmore, capítulo 4.2), mas também não há um lugar com tanta mistura cultural como a do Brasil. Nesta redação, eu vou dar um sinopse da história da escravidão no Brasil e como ela afetou a cultura do país inteiro, focando especificamente nos seus efeitos na economia, na expressão artística, e no final eu vou fazer uma análise da escravidão em outros países do mundo e como as suas mudanças em relação à escravidão levaram o Brasil a fazer as mesmas mudanças.

No começo da colonização da nação portuguesa no Brasil no início do Século XVI, demorou muito tempo para estabelecer a economia neste país recém-descoberto. No artigo “Escravidão no Brasil” (Arsenault e Rose, página 4), os autores explicam que “os escravos africanos foram trazidos para o Brasil já em 1530, com a abolição em 1888. Durante esses três séculos, o Brasil recebeu 4 milhões de africanos, mais de quatro vezes mais do que qualquer outro destino americano. Em comparação, o Brasil recebeu 40% do total de africanos trazidos para as Américas, enquanto os EUA receberam aproximadamente 10%. Devido a esse grande

influxo de africanos, hoje a população afrodescendente do Brasil é maior do que a população da maioria dos países africanos.” É curioso que o Brasil recebeu a maioria dos escravos importados, significando que eles foram os benfeitores principais do tráfico de escravos. Por que os Portugueses precisavam de tantos escravos? Eles precisavam de trabalhadores nas plantações de açúcar. Normalmente, ao longo do século XVI, os escravos entravam pelo porto de Salvador e ficavam na Bahia, onde as plantações de açúcar rapidamente se tornaram uma importante fonte de riqueza. No entanto, o comércio de açúcar declinou no século XVII e a maioria dos escravos permaneceram na Bahia (muitos dos escravos trabalhavam na capital de Salvador). Os autores do artigo mencionado acima continuam a dizer na mesma página que “na década de 1690, o ouro foi encontrado em Minas Gerais, triplicando a demanda por escravos; dos estimados 1,7 milhão de escravos trazidos para o Brasil no final do Século XVII e o início do Século XVIII, cerca de 1 milhão de escravos foram para as minas de ouro e campos de diamante. Em 1760, a desaceleração do ouro e dos diamantes coincidiu com o segundo vento do açúcar, causando um novo influxo de escravos no Nordeste. Na década de 1830, o café ganhou destaque no sul do Brasil: 1,3 milhão de escravos acabaram indo para as plantações de café.”

O Brasil pareceu ser uma bênção enorme para Portugal. As demandas para açúcar e outros produtos brasileiros aumentaram ao longo do tempo nos países europeus, e o Brasil acomodou as suas demandas com um aumento no seu tráfico negreiro. A economia cresceu rapidamente em Portugal e no Brasil, dando um empoderamento à coroa portuguesa e assegurando o seu futuro. Até hoje, a economia do Brasil está florescendo por conta dos seus exportos de açúcar e de café, e isto é demonstrado por toda a sua cultura (i.e., a relação entre a hierarquia de poder e a Política do Café com Leite). Na verdade, o elemento de café na cultura brasileira é tão poderoso que a palavra antiga “desjejum” foi trocado com a frase “café da

manhã.” Mas, qual foi a condição para os escravos antes da abolição da escravidão? Me basta dizer que os escravos não viveram em estados de lucro nem riqueza.

As condições foram horríveis para o escravo africano e o escravo indígena. Eles nem foram considerados cidadãos de verdade. O Agostinho M.P. Malheiro explicou a sistema de representação para os escravos negros, no seu livro “Esta Mancha Escura em nosso Sistema Social”, dizendo, “nem nossa constituição e nenhuma de nossas leis consideram o escravo como pertencente à massa dos cidadãos para qualquer propósito envolvendo a vida social, política, ou pública, mesmo que tenha nascido no Império [do Brasil]. Só libertos, se forem brasileiros cidadãos, gozam de certos direitos políticos e podem exercer responsabilidades políticas... A partir do momento em que um homem é reduzido à condição de coisa, a partir do momento em que se torna propriedade de outra pessoa sujeito ao seu poder e autoridade, ele é considerado legalmente morto, privado de todos os direitos e não possuindo representação... Isto está expressamente previsto em várias antigas leis portuguesas.” Infelizmente, foi assim mesmo. O escravo não foi considerado como uma pessoa de verdade. Sem representação na fronteira política, os escravos viviam em condições imensamente cruéis. O fato é que os escravos e seus filhos estavam destinados à escravidão pelo resto de suas vidas, a menos que fossem libertados ou escapassem.

Aqueles escravos que escaparam da escravidão frequentemente formaram comunidades de escravos escapados que se chamavam “quilombos” (Gomes e Machado, página 1). Lendo o artigo “Vista de Interiorização e Os Quilombos em São Paulo nos Séculos XVIII e XIX”, é interessante que embora “alguns quilombos paulistas setecentistas – se permaneceram na região – tiveram que procurar abrigo em áreas mais interioranas, próximas às regiões de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso longe das fronteiras agrícolas cafeeiras... divididos em pequenos grupos,

procuraram, em algumas ocasiões, se manter afastados dos núcleos urbanos e/ou das fazendas e engenhos” (Gomes e Machado, página 13). Em resumo, as comunidades de ex-escravos basicamente empurraram a colonização do interior do Brasil, e muitos dos seus descendentes ainda estão nestas regiões herdadas. Os quilombos eram uma forma de resistência contra a escravidão e o racismo na época, e até hoje os quilombos como Palmares (agora o estado de Alagoas) servem como um símbolo de liberdade em muitas regiões.

Muitas outras formas de resistência apareceram, como as práticas dos escravos no passado que acharam lugar na dança e na música do Brasil. Por exemplo, a Capoeira era originalmente uma forma discreta de lutar enquanto parecia uma dança, e o samba de roda era a música que acompanhava essa dança, mas hoje em dia é simplesmente uma forma de representação e divertimento. No artigo Capoeira e Escravidão: Movimento de Resistência versus Submissão, a autora, Rosa Maria Araújo Simões explica que “No Brasil, a religião africana parece ter dado o estímulo necessário para que se criasse algo específico como resistência: a capoeira... Mas não só era a religião africana que estimulava a coragem nos negros para resistir, em meio a tanta influência do cristianismo, acabou havendo um sincretismo afro-cristão.” (páginas 28-29). Em outras palavras, as religiões da África e da América Latina combinaram e influenciaram a criação da arte marcial da Capoeira. É interessante que a Ginga, uma forma brasileira distinta de jogar futebol, até tem base na Capoeira. Este estilo de jogar futebol se tornou muito popular na época do Pelé, um jogador afro-brasileiro de futebol. O futebol faz grande parte da cultura brasileira, e a Ginga então se tornou uma forma afro-brasileira de expressão para a população negra, especialmente para os pobres ou os moradores nas favelas.

No auge da escravidão no Século XIX, muitas pessoas brasileiras perceberam a injustiça da sistema e revoltaram contra ela em diversos meios, o principal desses foi o movimento do

abolicionismo. A noção do abolicionismo não era muito popular até o período do Iluminismo, durante o qual muitas nações aboliram a escravidão e criminalizaram o tráfico de escravos. O primeiro dominó a cair foi a abolição da escravidão no Haiti após a Revolução Haitiana em 1804 (Kader and Wales), quando os escravos de Haiti (quase 90% da população do país na época) revoltaram contra os fazendeiros e declararam a sua independência. Temendo um resultado similar, os governadores de Brasil e Cuba censuraram estas notícias, mas muitas nações seguiram de qualquer jeito. A cronologia é explicada pelo Reuters assim, e estou parafraseando, “em 1807, a Grã-Bretanha aprova a Lei de Abolição do Comércio de Escravos, proibindo o comércio de escravos no Atlântico britânico [reduzindo o comércio dos escravos no Brasil]... Em 1811, a Espanha abole a escravidão, inclusive em suas colônias [influenciando as regiões brasileiras circunvizinhas na América do Sul], embora Cuba rejeite a proibição e continue a lidar com escravos... e em 1819, Portugal abole o tráfico de escravos ao norte do equador.” Basicamente, o mundo começou a dissolver a escravidão pouco a pouco. A monarquia de Portugal/Brasil tentava reduzir a influência dos abolicionistas, mas “no ano de 1888, a abolição contou com o apoio da maioria dos brasileiros – incluindo vários setores conservadores –, culminando de um longo processo de mudanças sociais e econômicas. Quando a escravidão foi abolida, a prática já havia começado a diminuir devido à modernização da agricultura e ao aumento da migração para as cidades brasileiras das áreas rurais... em 1871, o Parlamento Brasileiro aprovou a “Lei do Ventre Livre,” declarando que todas as crianças nascidas de mulheres escravizadas seriam livres” (The Brazilian Report. No entanto, as crianças tinham que trabalhar para os donos de seus pais até a idade adulta para “compensar” os donos dos escravos. Na época, muitos notários – com conhecimento das paróquias locais – forjavam certidões de nascimento para provar que crianças

escravos nasceram *antes* da lei ter sido aprovada. Esta lei não foi suficiente para completamente libertar os escravos, mas foi um bom começo.

Mas agora, o que vai acontecer com esses escravos recém-liberados? O movimento abolicionista do Brasil era tímido em parte porque era um movimento urbano em uma época em que a maioria dos escravos trabalhavam em propriedades rurais. Os líderes abolicionistas mais proeminentes como Machado de Assis e a Princesa Isabel não tinham planos para combater as consequências negativas da abolição, como a falta de recursos educacionais para os ex-escravizados. Não havia políticas para promover a integração de pessoas de cor ou planos para ajudar ex-escravizados a se tornarem cidadãos plenos por meio do acesso à educação, terra ou emprego. O autor do artigo mencionado acima continua a dizer, “o fim legal da escravidão no Brasil pouco fez para mudar a vida de muitos afro-brasileiros... de fato, as elites brasileiras se opuseram amplamente à ideia de que o Brasil teria uma maioria de cidadãos afro-brasileiros. Hoje em dia, vestígios do sistema escravista ainda podem ser testemunhados na sociedade brasileira. Não é por acaso que apenas 53% da população brasileira se identifica como afro-brasileira ou parda, mas representa dois terços dos encarcerados e 76% do segmento mais pobre da população. Mais do que qualquer outra nação nas Américas, o Brasil foi profundamente moldado pela escravidão – um legado que o país ainda luta para resolver mais de 350 anos depois que o primeiro africano escravizado chegou a suas costas” (The Brazilian Report). Muitos daqueles ex-escravizados que não quiseram trabalhar para os seus ex-donos foram forçados a morar nas favelas e trabalhar nas ruas, e a situação piorou mais para eles quando o Brasil passou por um grande influxo de imigrantes que foram empregados por prioridade. Não foi até a segunda metade do Século XX que o Brasil começou a ver a introdução dos ex-escravizados a

classe média-baixa a classe média quando a educação se tornou disponível para todos e muitas das leis antigas que proibiram o progresso de pessoas negras foram tiradas.

Infelizmente, este é o raiz do Brasil, mas eu não acho que a escravidão seja o legado inteiro do país. Claro que a escravidão é um tema pertinente ainda para todo mundo, é até ensinado em toda escola que ensina os alunos com veracidade. Combatamos a escravidão e o seu “legado” quando combatamos ao racismo e a discriminação, mas estes problemas ainda existem. Então, em conclusão, quais são os efeitos da escravidão? Bem, é por causa da escravidão no Brasil que existem coisas como Funk Carioca, favelas, feijoada, Samba, Carnival, Capoeira, Ginga, racismo, discriminação, a economia agrícola do Brasil, a alta taxa de pobreza dos afro-brasileiros, e uma grande disparidade entre a classe média e a classe alta. Os efeitos da escravidão e a sua abolição são muitos, e eles podem ser interpretados como positivos ou negativos. A escravidão é uma abominação, mas ela basicamente criou a cultura brasileira que conhecemos hoje em dia. É claro que os eventos lamentáveis do passado não podem ser mudados, mas o futuro é ainda para ser determinado. É assim que a humanidade funciona: diante dos desafios, a humanidade se levanta do pó e tira o melhor proveito da situação.

Nick Manwaring, aluno na Universidade de Utah

Bibliografia

- a. Green, James N, and Thomas E Skidmore. "Brazil: Five Centuries of Change." *Brazil Five Centuries of Change*,
<https://library.brown.edu/create/fivecenturiesofchange/chapters/chapter-3/slavery-and-abolition/>.
- b. Arsenault, Natalie, and Christopher Rose. "Slavery in Brazil - UT College of Liberal Arts." *Slavery in Brazil*, University of Texas,
https://liberalarts.utexas.edu/hemispheres/_files/pdf/slavery/Slavery_in_Brazil.pdf
- c. Agostinho Marques Perdigão Malheiro, "This Dark Blotch on our Social System," (1866) in *Children of God's Fire: A Documentary History of Black Slavery in Brazil*, by Robert Edgar Conrad (University Park: Pennsylvania State University Press, 1994), 237-245.
- d. Sousa, Caroline Passarini. "*Escravidão, Abolição e Gênero: Mulheres Negras, Corpo e Reprodução nas Américas.*" Revista Eletrônica Da ANPHLAC, Universidade Federal De Santa Catarina,
<https://anphlac.emnuvens.com.br/anphlac/article/view/4032>.
- e. Gomes, Flávio, and Maria H.P.T. Machado. "Vista de Interiorização e Os Quilombos em São Paulo nos Séculos XVIII e XIX." *Vista de Interiorização e Os Quilombos em São Paulo nos Séculos XVIII e XIX*, Corporación Universitaria Iberoamericana,

<https://journals.iai.spk-berlin.de/index.php/iberoamericana/article/view/526/210>.

- f. Simões, Rosa Maria Araújo. “Capoeira e Escravidão - Movimento De Resistência versus Submissão.” *Scribd*, Scribd, <https://pt.scribd.com/document/341546393/Capoeira-e-Escravidao-Movimento-de-Resistencia-Versus-Submissao>.
- g. Kader, Adrian, and Warren Wales. *The Haitian Revolution*, <https://learnhaitirevolution.weebly.com/warren.html>.
- h. Staff, Reuters. “Chronology-Who Banned Slavery When?” *Reuters*, Thomson Reuters, 22 Mar. 2007, <https://www.reuters.com/article/uk-slavery/chronology-who-banned-slavery-when-idUSL1561464920070322>.
- i. The Brazilian Report. *Slavery in Brazil*, Wilson Center, <https://www.wilsoncenter.org/blog-post/slavery-brazil>.